

O Capitólio como representação de Roma em Títo Lívio e Augusto

Juliana Bastos Marques

Doutoranda em História, Universidade de São Paulo

A idéia que deu origem a este texto partiu de um argumento apresentado nas primeiras páginas de *Livy's Written Rome*, de Mary Jaeger¹. Seu livro trata da cidade de Roma em Tito Lívio como representação física, espacial e temporal da história romana, e logo na introdução a autora esboça alguns argumentos sobre a importância do Capitólio como extensão simbólica da *urbs*: “*Rome is the center of the empire it rules, and the Capitoline, the fixed center of Roman religion and home of the gods who are the source of Rome's supremacy, is the center of Rome*”². As idéias de Jaeger são desenvolvidas ao longo do texto, mas os argumentos apresentados no início, embora com grande potencial de interpretação, não são completamente explorados. A primeira parte deste trabalho não deixa de ser portanto uma tentativa de desenvolver esses argumentos através de uma leitura atenta das conexões lógicas entre as passagens de Tito Lívio analisadas brevemente por Jaeger³. Entretanto, o que a autora deixa escapar, bem como outros estudiosos sobre Tito Lívio, é a conexão entre a representação simbólica do Capitólio neste e a representação de Tácito⁴, pois que ambas são muito semelhantes na sua ênfase no papel do Capitólio como ponto nevrálgico de Roma - tanto físico quanto religioso. Ambos os autores são portanto pistas significativas para compreendermos o grande valor do Capitólio na construção da identidade romana⁵.

Em seu prefácio, Tito Lívio faz uma comparação entre *fabulae* e *monumenta*⁶, quando menciona os problemas inerentes à antigüidade dos fatos que narra sobre o início da história de Roma. As *fabulae* são caracterizadas como relatos imprecisos e portanto não

¹ Mary Jaeger. *Livy's Written Rome*, Ann Arbor, University of Michigan Press, 1997.

² Idem, p.3. O argumento se desenvolve até a página 7.

³ E também Andrew Feldherr. *Spectacle and Society in Livy's History*. Berkeley / Los Angeles: University of California Press, 1998, que Jaeger pretende complementar na p.5, nota 12.

⁴ A menção a Tácito, *Histórias* 3.71 em Jaeger, p.67, nota 16 não faz essa aproximação.

⁵ Seguimos aqui portanto as tendências mais recentes na análise de Tito Lívio, que especialmente desde Torrey J. Luce (*Livy - The Composition of His History*, Princeton, Princeton University Press, 1977) têm dado mais importância à interpretação específica de Tito Lívio na história romana do que ao seu método de utilização das fontes (*Quellenforschung*).

⁶ Sobre os dois termos, cf. Gary B. Miles. *Livy: Reconstructing Early Rome*, Ithaca / London: Cornell University Press, 1997. Pp.16-20 e Timothy P. Wiseman “Monuments and the Roman Annalists” in: Ian S. Moxon et alii (eds.). *Past Perspectives: Studies in Greek and Roman Historical Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. Pp.87-100.

confiáveis - representam a tradição oral, o que se fala. Mesmo que seu valor seja justificável para Tito Lívio como fonte para a construção da identidade e da grandeza da origem dos romanos, são, pelo seu próprio caráter legendário, não-históricas. Os monumentos, em contraste, são por excelência depositários da memória fidedigna da História, pois se prestam literalmente à contemplação e assim fornecem material para a lembrança dos grandes feitos do povo romano e dos *exempla* de seus cidadãos⁷. No decorrer do texto de Tito Lívio, os monumentos podem se apresentar de diversas formas, desde uma estátua ou um túmulo a um ponto geográfico qualquer, nem sempre construídos com o intuito de celebrar um fato mas mesmo assim lembrando indiretamente algum acontecimento memorável. Um bom exemplo disso, logo mesmo no livro 1, é a rua em que Túlia mandou passar o carro por cima do cadáver do pai, Sêrvio Túlio - e que se tornou assim uma lembrança perene do crime, do caráter vil da sua perpetradora e por extensão do início da derrocada da monarquia⁸. Os *monumenta* também podem ser para Tito Lívio documentos escritos, na medida em que sua característica principal seja sua existência concreta e palpável, que permite portanto a observação e a reflexão do leitor/espectador.

O Capitólio é um dos mais recorrentes e certamente principais dos *monumenta* em Tito Lívio. É o centro religioso da capital desde Rômulo, e por extensão, como veremos, torna-se também seu centro simbólico. Em diversos contextos é possível notar como os acontecimentos que se passam neste lugar são representativos da idéia de Roma como centro do império - e mesmo do mundo. Assim, o papel da colina como definidora da identidade do povo romano é construído através de sua função como lugar último da existência e duração da cidade. Tal idéia é exposta sobretudo entre a primeira pênade e o começo da segunda, ou seja, nos livros 1-6, onde acompanhamos do início da sua ocupação e de seus primeiros templos até a invasão gaulesa e a destruição do resto da cidade. Neste último momento, os romanos se refugiam no Capitólio enquanto os gauleses destroem o resto de Roma, e, assim, só a colina fica intacta - ela se torna então o ponto de referência da manutenção da velha Roma no surgimento da nova Roma, a partir do livro 6.

⁷ *Ab Urbe Condita*, prefácio:“(8) *sed haec et his similia utcumque animaduversa aut existimata erunt haud in magno equidem ponam discrimine [...]* (10) *hoc illud est praecipue in cognitione rerum salubre ac frugiferum, omnis te exempli documenta in inlustri posita monumento intueri; inde tibi tuaeque rei publicae quod imitere capias, inde foedum inceptu foedum exitu quod vites*”. (“Mas essas e outras lendas parecidas, seja como forem encaradas ou julgadas, não as darei grande importância [...] Aquilo que é principalmente salutar e frutífero no conhecimento do passado é inspirar-se em todos os tipos de exemplos apresentados em importantes monumentos; é aí que se pode adotar o que imitar, para ti e para tua república, e o que evitar, por ser indigno na sua origem e no seu fim”. As traduções neste artigo foram feitas pela autora. Para o significado etimológico de *monumentum* como visão inspiradora, cf. Miles, op.cit. p.17.

⁸ 1.48.

É logo no começo do livro 1 que Tito Lívio narra a ocupação do Capitólio, embora tenha sido não esta mas o Palatino a primeira colina ocupada. No parágrafo 10, entre as hostilidades surgidas por conta do rapto das sabinas, Tito Lívio relata que Rômulo resolve depositar no Capitólio como dádiva os despojos de guerra de um dos chefes inimigos, dedicando no local um templo a Júpiter Ferétrio. Este templo, que é o primeiro de Roma, seria então usado para receber os despojos dos inimigos conquistados, de acordo com o desejo de Rômulo. Tal função raramente foi cumprida, pois, segundo nos diz Tito Lívio, não se pretendia obscurecer a memória do grande feito do primeiro rei, mas é sintomático notar que ela representa a idéia do destino de Roma como cidade guerreira, expansionista e conquistadora. Assim, temos que o primeiro centro religioso da *urbs* foi também criado com uma função militar.

É altamente significativo notar que essa vitória de Rômulo é exatamente o primeiro triunfo militar de toda a história de Roma: após fundar a cidade e convocar homens para habitá-la, Rômulo promove o rapto das sabinas e só daí surgirão os primeiros inimigos. Na verdade, estes não serão sequer os sabinos, mas sim os seus aliados ceninenses, que Tito Lívio caracteriza como fracos⁹. Mesmo assim, Rômulo valoriza o significado dessa primeira conquista com a fundação do templo de Júpiter - e é nesse sentido que devemos entender o porquê do ritual de colher os despojos opimos não ter sido continuado com frequência, para que não fosse banalizado¹⁰.

Mesmo pela omissão na narrativa, Tito Lívio valoriza a importância do Capitólio como símbolo último da romanidade¹¹. Depois dessas batalhas contra os sabinos e seus aliados, Rômulo faz um tratado de paz com o rei dos sabinos, Tito Tácio: “Fez-se silêncio e todos pararam repentinamente, e então os chefes avançaram para fazer um tratado. Não apenas fizeram a paz como também fundiram as duas cidades em uma. Compartilharam o reinado, e todo o comando seria dado a Roma”¹². O evento em Tito Lívio não chega a ter mais detalhes, mas é importante cotejar a passagem com Dionísio de Halicarnasso para

⁹ 1.10.4: “*sed effuse uastantibus fit obuius cum exercitu Romulus leuique certamine docet uanam sine uiribus iram esse*” (“Mas enquanto [os ceninenses] devastavam o que encontravam pelo caminho, Rômulo marchou contra eles com seu exército e os ensinou que a ira é inútil sem a força”).

¹⁰ As outras duas únicas instâncias em Tito Lívio foram a vitória de Cosso sobre Tolúnio, rei de Veios (4.20 - umas das poucas passagens onde Augusto é citado) e a de Marco Cláudio Marcelo sobre Virdomaro, rei dos gauleses insúbios (*Periochae*, 20.11 - cf. Propércio, 4.10).

¹¹ Agradeço imensamente ao colega e amigo Luís Ernesto Barnabé (UNESP / Assis) por ter me apontado a questão em Dionísio de Halicarnasso. Os estudos sobre Tito Lívio consultados ignoram completamente este detalhe.

¹² 1.13.4: “*silentium et repentina fit quies; inde ad foedus faciendum duces prodeunt. nec pacem modo sed ciuitatem unam ex duabus faciunt. regnum consociant: imperium omne conferunt Romam*”.

veremos como é significativa a omissão de Tito Lívio sobre o resto do episódio. Dionísio de Halicarnasso relata mais detalhes¹³, afirmando que Tito Tácio teria ocupado o Capitólio e o Quirinal, e Rômulo o Palatino e o Célio. Para Dionísio, os dois reis teriam reinado conjuntamente por cinco anos em Roma, drenando o pântano aos pés do Capitólio para construir o Fórum e construindo diversos templos. Mesmo sem mencionar isso, Tito Lívio confirma que Tito Tácio construíra e consagrara templos no Capitólio¹⁴, o que implica indiretamente na ocupação da colina. Dionísio cita Licínio Macer como sua fonte para seu relato sobre o reinado conjunto de Tito Tácio e Rômulo¹⁵, e sabemos que Tito Lívio também usou Macer como fonte. Isso demonstra como Tito Lívio fez de fato uma seleção e omitiu os detalhes presentes em Dionísio de Halicarnasso. Isso significa exatamente a importância do Capitólio como lugar essencial para a afirmação da identidade romana, tanto física quanto simbolicamente: é importante valorizar a figura de Rômulo como construtor das fundações de Roma, e não de um rei estrangeiro. Assim, ele refaz a tradição e a consolida de acordo com seus objetivos¹⁶.

Logo após, no fim do primeiro livro, Tito Lívio narra a construção do Templo de Júpiter *Optimus Maximus* durante o reinado de Tarquínio, o Soberbo¹⁷, e temos aqui o trecho mais importante na caracterização do Capitólio como centro e representação de Roma. Dois eventos citados no trecho são fundamentais para anunciar o destino da cidade: em primeiro lugar, são removidos todos os santuários e altares de outros deuses que estavam no local onde será construído o templo - todos menos um. Segundo os auspícios, apenas o santuário do deus Término deveria permanecer - o que foi interpretado com sinal de que o império seria estável e duradouro. E, em segundo lugar, aparece a famosa referência à cabeça humana com o rosto intacto (*integra facie*) que teria sido encontrada no

¹³ *Antigüidades romanas* 2.50.

¹⁴ 1.55.4: “*et ut libera a ceteris religionibus area esset tota Iouis templique eius quod inaedificaretur, exaugurare fana sacellaque statuit quae aliquod ibi, a Tatio rege primum in ipso discrimine aduersus Romulum pugnae uota, consecrata inaugurataque postea fuerant*” (“E para liberar a área de outros cultos e reservá-la apenas a Júpiter e ao templo deste, que pretendia edificar, [Tarquínio] resolveu dessacralizar os templos e altares que ali estavam, os quais o rei Tácio havia primeiro prometido no meio da guerra contra Rômulo, e depois consagrado e inaugurado”).

¹⁵ *Antigüidades romanas* 2.52.

¹⁶ Tácito também parece confirmar a versão de Dionísio de Halicarnasso. Cf. *Anais* 12.24, onde ele afirma que o Capitólio, juntamente com o Fórum, foi integrado a Roma por Tito Tácio e não por Rômulo. Cf. também Plutarco, *Vida de Rômulo* 16.

¹⁷ Também 1.55. Cf. *spura*, nota 14.

local, associando portanto explicitamente o Capitólio como cabeça do império e, por extensão, no decorrer do desenvolvimento de Roma, do mundo¹⁸.

A importância do Capitólio em Tito Lívio está associada à importância dos sentimentos de *fides* e *pietas*¹⁹ e da observância correta dos rituais religiosos. Se não é o caso de afirmarmos com certeza o quanto Tito Lívio acreditava na interferência dos deuses no mundo²⁰, certamente podemos constatar que para ele era fundamental que o respeito aos deuses fosse mantido, como prova dos laços do indivíduo com o Estado. Assim, a correta observância dos ritos no Capitólio passa a determinar o sucesso ou o fracasso de alguma operação militar. É o que diz Camilo em seu discurso no final do livro 5²¹, de volta à cidade reconquistada após a invasão gaulesa, e em seu objetivo de convencer os cidadãos a não abandonar Roma e emigrar para Veios. O ponto central de seu argumento é a necessidade de não abandonar os deuses da cidade, com a constatação de que a boa fortuna, presente divino, está em Roma - ele se refere novamente à cabeça encontrada no Capitólio. E Camilo afirma que foi justamente essa observância da religião que permitiu aos romanos, em última instância, vencer os gauleses, pois ao se refugiarem no Capitólio e manterem as celebrações aos deuses, foi-lhes permitido restituir sua cidade e sua glória.

Inversamente, a inobservância dos rituais no Capitólio pode determinar o fracasso e a derrota em uma batalha. Ou seja, a falta de *pietas* é um desserviço catastrófico para o destino de Roma. Um bom exemplo disso é a atitude de Caio Flamínio antes da batalha do lago Trasímene, na Segunda Guerra Púnica²². Ao partir para a guerra, Caio Flamínio não realizou nenhum dos rituais religiosos que sua posição como cônsul exigia - em especial, não tinha ido ao Capitólio para exprimir publicamente seus votos. Portanto, ele partiria

¹⁸ 2.55.5-6: “*hoc perpetuitatis auspicio accepto, secutum aliud magnitudinem imperii portendens prodigium est: caput humanum integra facie aperientibus fundamenta templi dicitur apparuisse. quae uisa species haud per ambages arcem eam imperii caputque rerum fore portendebat; idque ita cecinere uates quique in urbe erant quosque ad eam rem consultandam ex Etruria acciuerant*” (“Recebido este auspício sobre a perenidade do Estado [a necessidade de permanência do santuário do deus Término], um outro prodígio se seguiu, que anunciava a magnitude do império: dizem que uma cabeça humana com a face intacta foi encontrada enquanto se lançavam as fundações do templo. Isso anunciava, sem dúvida nenhuma, que aquele lugar estava destinado a ser a cidadela do império e a cabeça do mundo; assim profetizaram os vates, tanto os de Roma quanto os que foram convocados da Etrúria para interpretar o acontecimento”).

¹⁹ Para definições sobre estes dois conceitos, cf. Maria. H. R. Pereira. *Estudos de História da Cultura Clássica. Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. Pp.332-342 e sua bibliografia.

²⁰ Sobre o papel da religião em Tito Lívio, ver especialmente David S. Levene. *Religion in Livy*. Leiden: Brill, 1993; John W. G. Liebeschütz. “The religious position of Livy’s *History*” in: *Journal of Roman Studies*, 57, 1967. Pp.45-55 e Jason P. Davies. *Rome’s Religious History - Livy, Tacitus and Ammianus on their Gods*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

²¹ 5.51-54.

²² 21.63.

para a guerra sem os auspícios, e muitos maus presságios seguiriam suas atitudes. O resultado seria naturalmente desastroso: a derrota dos romanos no lago Trasímene.

Tito Lívio porém deixa claro que a observância correta dos rituais não significa necessariamente a vitória. No livro 45, quando trata da partida de Roma do cônsul Públio Licínio para a guerra contra o macedônio Perseu, ele faz uma digressão e comenta sobre o fascínio que o ritual do pronunciamento dos votos no Capitólio, antes de uma grande guerra, tem sobre a população²³. A vitória está nas mãos da fortuna, que pode favorecer tanto o romano quanto o adversário. A importância do ritual está portanto apenas na manutenção da *pietas*, pois a fortuna dos deuses é inconstante mas a obediência ao rito público é fundamental. Assim nos diz Tito Lívio no discurso do ex-cônsul Marco Servílio em favor do triunfo de Emílio Paulo, no último livro remanescente de suas histórias, o livro 40. Embora o texto apresente dificuldades, o argumento de Marco Servílio retoma a importância de se seguir o ritual aos deuses no Capitólio, ainda mais porque devem-se seguir os costumes dos antepassados:

*Vossos ancestrais começaram todas as grandes iniciativas com os deuses e com eles as terminaram. O cônsul ou o pretor, quando partem para a província e para a guerra, com seus lictores em pálios, pronunciam os votos no Capitólio: vencedor na guerra, também retorna em triunfo ao Capitólio, trazendo merecidos presentes aos mesmos deuses a quem fizera seus votos*²⁴.

Portanto, podemos ver que para Tito Lívio o Capitólio se apresenta como um símbolo do poder de Roma, e, por sua importância religiosa, é determinante para o destino da cidade e do império. Há uma associação inequívoca entre a existência e manutenção do Capitólio e o desenvolvimento de Roma no ciclo da primeira pêntade, do surgimento do primeiro templo com Rômulo até a destruição e renascimento da cidade com Camilo após os gauleses. Depois disso, o Capitólio continua a se configurar como o centro de onde partem os movimentos de expansão militar romana, e para onde se retorna uma vez que a expansão tenha sido bem-sucedida. Sendo assim, podemos entender o Capitólio como representação última do papel de Roma para o mundo em Tito Lívio, já que o objetivo de sua obra é exatamente celebrar o desenvolvimento e a grandeza do império - a memória

²³ 45.39, cit. por Jaeger, op.cit. pp.3-4.

²⁴ 45.39.10-11: “maiores uestri omnium magnarum rerum et principia exorsi a dis sunt et finem statuerunt. consul proficiscens praetorie paludatis lictoribus in prouinciam et ad bellum uota in Capitolio nuncupat: uictor perpetrato <bello> eodem in Capitolium triumphans ad eosdem deos, quibus uota nuncupauit, merita dona portans redit”.

dos feitos do principal povo do mundo, “*rerum gestarum memoriae principis terrarum populi*”²⁵.

Em Tácito vemos mais um outro exemplo da importância dada ao Capitólio como símbolo de Roma. Em sua obra, o Capitólio aparece em situações-chave que caracterizam certos momentos cruciais de uma espiral moralmente decadente do Principado. Sendo um dos objetivos de Tácito retratar a progressiva degeneração do caráter dos imperadores, individualmente mas também em sua sucessão²⁶, o Capitólio aparece como local que simboliza a deturpação dos valores morais e religiosos, que antes definiriam o caráter da identidade romana, nas ações do imperador.

É sugestivo notar como isso acontece predominantemente em Nero. Mesmo com o problema das lacunas no texto, o levantamento das passagens que mencionam o Capitólio em Tácito evidencia uma desproporcionalidade entre a menção à colina e aos seus templos nos livros sobre Tibério e nos outros livros subsequentes. Na primeira hêxade²⁷, temos apenas duas menções passageiras, sem relação direta com a caracterização do imperador²⁸. Já em Cláudio há dois tipos de menções, as de caráter antiquário²⁹, indiretamente refletindo os interesses do imperador, e as que funcionam como prenúncio da inversão de valores e da tirania do tempo que viria³⁰. É nos livros sobre Nero que finalmente ocorre a inversão do papel solene do Capitólio, de representação da *pietas* e do caráter religioso dos triunfos militares. Existem oito menções ao Capitólio nos livros 14 e 15³¹, e todas têm algum tipo de conexão com as atitudes deturpadas do imperador. Em 14.13, Nero entra no Capitólio como conquistador, não por conta de alguma batalha mas sim em uma espécie de triunfo sobre a morte de Agripina, apresentada por Nero como a eliminação de um grande risco para o Estado. Indeciso quanto à reação do senado e do povo em Roma, Nero é convencido

²⁵ Prefácio, 1.

²⁶ Como procuramos demonstrar em Juliana B. Marques. *Tempo e temporalidade nas Histórias e nos Anais de Tácito*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2003.

²⁷ Segundo Ronald Syme. *Tacitus*. Oxford: Clarendon Press, 1958, especialmente o cap.21, dividindo os *Anais* em três grupos de seis livros cada (1-6 - Tibério, 7-12 - Calígula e Cláudio, 13-18 - Nero). A divisão é polêmica, como bem contesta Francis R. D. Goodyear. *Tacitus*. Oxford: Clarendon Press, 1970, mas para os argumentos aqui levantados a polêmica não inviabiliza o uso do termo, utilizado para dar maior clareza à divisão da narrativa entre os imperadores.

²⁸ *Anais* 3.36 e 6.12.

²⁹ 6.23, mencionando a tomada de Roma pelos gauleses, e 12.24, cf. nota 16 supra.

³⁰ Em 12.42, Agripina entra no Capitólio carregada numa liteira cerimonial, imitando os sacerdotes e arrogando-se tal prestígio. Em 12.43, 64, Tácito menciona prodígios agourentos ocorridos no Capitólio e em outras partes de Roma.

³¹ Mas nenhuma no que resta do livro 16. Além das passagens analisadas adiante, temos 14.61 (o povo protesta contra o casamento de Nero e Popéia, clamando pela volta de Otávia), 15.23 (votos pelo nascimento de Augusta, filha de Nero), 15.36 (Nero entra no templo de Vesta, sente medo e desiste de uma viagem ao Egito) e 15.44 (votos pela reconstrução de Roma após o incêndio).

pela sua corte a adentrar a cidade³² com a firme decisão de confirmar seu poder, agora finalmente livre da influência materna³³. Em 15.18, erguem-se troféus e arcos no Capitólio pela vitória de Corbulão sobre os partos, mas Tácito aponta para o significado vazio dessas iniciativas: “[as homenagens] tinham sido votadas pelo senado enquanto a guerra ainda estava em curso, e agora não foram abandonadas - consultaram-se as aparências enquanto que a verdade era ignorada”.³⁴ Em 15.71, 74, inversões ainda mais explícitas: após a descoberta da conspiração de Pisão e por conta das diversas execuções que se seguiram, tanto Nero quanto os próprios parentes dos condenados se dirigiram ao Capitólio para fazer oferendas e agradecer pela salvação do imperador e pela punição aos insurgentes. Tácito mostra Roma (ou melhor, o Senado) imersa num clima de terror e de submissão onde as aparências deturpam o sentido da *fides* e da *pietas* familiar em busca da sobrevivência, num paradoxo moral de enunciação retórica típica do autor: “Mas enquanto isso a cidade estava cheia de funerais, e o Capitólio de oferendas. Aqui pelo assassinato de um filho, ali pelo de um irmão, parente ou amigo”³⁵. Nero vai também ao Capitólio consagrar a arma que seria utilizada no crime a Júpiter Vingador, sem que se notasse o evento como prenúncio do triunfo de outro “vingador”, Júlio Vindex³⁶.

Já nas *Histórias*, diversas menções ao Capitólio ocorrem no livro I, graças ao fato de que a conspiração dos partidários de Oto para assassinar Galba acontece entre a colina e o Fórum³⁷. Em boa parte, seriam referências quase incidentais, não fosse pela significância simbólica do local, como Tácito explicita em I, 40 ao narrar o avanço dos assassinos pela multidão até o local onde se encontrava Galba: “Tais homens não se amedrontavam nem pela visão do Capitólio, pela santidade dos templos que pairavam ao alto, nem pela lembrança dos imperadores passados ou que estavam por vir”³⁸.

É porém na guerra civil de 69 d.C. que o Capitólio é mencionado como símbolo máximo da destruição e decadência de Roma. Para Tácito, essa guerra civil é certamente a mais indigna de todas, pois nenhum dos adversários - Galba, Otão ou Vitélio - é suficientemente digno para justificar a luta pelo poder. Lembremos ainda que Vespasiano,

³² Ele estava em Nápoles - 14.10.

³³ 14.13.

³⁴ “*Decreta ab senatu integro adhuc bello neque tum omissa, dum aspectui consulitur spreta conscientia*”.

³⁵ 15.71: “*sed compleri interim urbs funeribus, Capitoliam victimis; alius filio, fratre alius aut propinquo aut amico interfectis*”.

³⁶ O general que inicia uma rebelião contra Nero na Gália Lugdunense em 68 d. C. e, mesmo derrotado, inicia o processo de queda do imperador completado por Galba.

³⁷ *Histórias* 1, parágrafos 2, 33, 39, 40, 47, 71 e 86.

³⁸ “*Nec illos Capitolii aspectus et imminentium templorum religio et priores et futuri principes terruere*”.

Note-se a presença do monumento como inspirador, como vimos acima em Tito Lívio.

celebrado por Tácito nos trechos que nos restam das *Histórias*, está no Oriente, praticamente afastado de todo o processo, e não participa das lutas diretas em Roma contra os partidários de Vitélio.

No fim do livro III, os exércitos de Vitélio e de Vespasiano se enfrentam dentro da própria cidade de Roma. A cidade está imersa no caos, e Vitélio já não tem mais força política ou autoridade institucional alguma - logo ele será morto, de maneira indigna e degradante. Dentre os eventos que tornam toda essa situação o cúmulo da desordem para Tácito está a invasão e queima do templo de Júpiter *Optimus Maximus* pela turba incontrolável e alheia à importância simbólica do monumento. A carga dramática do texto representa o clímax da guerra civil:

*[...] Então ardeu de portas fechadas o Capitólio, sem ser defendido ou saqueado*³⁹. *Este foi o crime mais triste e mais vergonhoso que o Estado romano jamais sofreu. Sem inimigos externos, embora contássemos com o favor dos deuses na medida do que permitia nossa moral, mesmo assim o santuário de Júpiter Optimus Maximus, fundado sob os auspícios por nossos ancestrais como um símbolo do império, que nem Porsena, quando a cidade se rendeu a ele, nem os gauleses, quando a capturaram, puderam violar, foi destruído pela fúria dos imperadores. O Capitólio tinha sim ardido antes, na guerra civil, mas por crime privado. Agora, era publicamente assaltado, publicamente queimado, e por quais bélicas razões? Qual foi o preço pago por tal desastre? Enquanto lutamos por nossa pátria, ele esteve intacto. O rei Tarquínio Prisco o consagrou na guerra contra os sabinos, e lançou suas fundações mais para a esperança de uma grandeza futura do que pelos recursos, ainda modestos, do povo romano. Depois, Sérvio Túlio o erigiu com a ajuda dos aliados, e depois Tarquínio, o Soberbo o complementou com o espólio dos inimigos na captura de Suessa Pomécia. Mas a glória da obra estava reservada para a liberdade: depois da expulsão dos reis, Horácio Pulvilo, no seu segundo consulado, a dedicou, e sua magnificência era tão grande que as riquezas adquiridas posteriormente pelo povo romano mais adornaram do que aumentaram seu esplendor. O templo foi reconstruído no mesmo lugar depois de um intervalo de quatrocentos e cinqüenta anos, depois de ter sido incendiado durante o consulado de Lúcio Cipião e Caio Norbano. O vitorioso Sila se encarregou do trabalho, mas ainda não o dedicou: esta foi a única felicidade que lhe foi negada. O nome de Lúcio Catulo [que dedicou o tempo em 69 a. C.] foi mantido entre todas as obras dos Césares, até os tempos de Vitélio. Eis o templo que estava agora sendo cremado*⁴⁰.

³⁹ 3.71: “[...] sic Capitolium clausis foribus indefensum et indireptum conflagravit”.

⁴⁰ 3.72: “id facinus post conditam urbem luctuosissimum foedissimumque rei publicae populi Romani accidit, nullo externo hoste, propitiis, si per mores nostros liceret, deis, sedem Iovis Optimi Maximi auspiciato a maioribus pignus imperii conditam, quam non Porsenna dedita urbe neque Galli capta temerare potuissent, furore principum excindi. arserat et ante Capitolium civili bello, sed fraude privata: nunc palam obsessum, palam incensum, quibus armorum causis? quo tantae cladis pretio tetit? pro patria bellavimus? Voverat Tarquinius Priscus rex bello Sabino, ieceratque fundamenta spe magis futurae magnitudinis quam quo modicae adhuc populi Romani res sufficerent. mox Servius Tullius sociorum studio, dein Tarquinius Superbus capta Suessa Pometia hostium spoliis extruxere. sed gloria operis libertati reservata: pulsus regibus Horatius Pulvillus iterum consul dedicavit ea magnificentia quam immensae postea populi Romani

O povo se acomodou para assistir os combatentes, como se estivessem nos jogos do circo, favorecendo com gritos e aplausos ora um lado, ora outro. Se um dos lados arrefecia, os soldados se escondendo em tabernas ou se refugiando em alguma casa, os que os perseguiram exigiam que eles fossem arrastados para fora e degolados, para que ganhassem a maior parte do butim; pois as tropas estavam ocupadas com o sangrento massacre, e o povo se ocupava assim dos espólios. Terríveis e distorcidos cenários eram vistos em toda a cidade: aqui, combates e ferimentos, ali, banhos e tabernas; ao mesmo tempo, sangue e pilhas de corpos, ao lado de prostitutas e seus clientes. Havia todo tipo de libertinagem de um ócio dissoluto, todos os crimes cometidos nas mais selvagens conquistas; em suma, o que faria um observador acreditar que a cidade estava em fúria e orgia ao mesmo tempo. Na verdade, houve épocas anteriores em que Roma esteve tomada pelos exércitos, duas vezes por Sila e uma quando Cina foi vitorioso, sem haver menor crueldade; mas agora existia uma indiferença desumana e não se diminuía as volúpias em momento algum: como se fosse mais um entretenimento, todos exultavam e se aproveitavam da situação, sem se importar com a vitória de qual lado, divertindo-se com a ruína pública⁴¹.

O parágrafo 3.72 é um obituário do Capitólio, escrito à maneira dos obituários de personagens importantes, pois ele é “morto” pelo confronto desordenado entre as forças flávias e vitelianas descrito no parágrafo anterior. Tácito retoma a história da construção do templo de Júpiter que encontramos em Tito Lívio e ressalta que, apesar de ter sido construído sob os reis, “a glória da obra estava reservada para a liberdade: depois da expulsão dos reis, Horácio Pulvilo, no seu segundo consulado, a dedicou, e sua magnificência era tão grande que as riquezas adquiridas posteriormente pelo povo romano mais adornaram do que aumentaram seu esplendor”⁴². A solenidade da descrição da “vida” do Capitólio contrasta com o paradoxo da destruição do símbolo máximo da cidade e do Império⁴³.

opes ornarent potius quam auferent. isdem rursus vestigiis situm est, postquam interiecto quadringentorum quindecim annorum spatio L. Scipione C. Norbano consulibus lagraverat. curam victor Sulla suscepit, neque tamen dedicavit: hoc solum felicitati eius negatum. Lutatii Catuli nomen inter tanta Caesarum opera usque ad Vitellium mansit. ea tunc aedes cremabatur”.

⁴¹ 3.83: “Aderat pugnantis spectator populus, utque in ludicra certamine, hos, rursus illos clamore et plausu fovebat. quotiens pars altera inclinasset, abditos in tabernis aut si quam in domum perfugerant, erui iugularique exostulantes parte maiore praedae potiebantur: nam milite ad sanguinem et caedis obverso spolia in vulgus cedebant. saeva ac deformis urbe tota facies: alibi proelia et vulnera, alibi balineae popinaeque; simul cruor et strues corporum, iuxta scorta et scortis similes; quantum in luxurioso otio libidinum, quidquid in acerbissima captivitate scelerum, prorsus ut eandem civitatem et furere crederes et lascivire. conflixerant (et) ante armati exercitus in urbe, bis Lucio Sulla, semel Cinna victoribus, nec tunc minus crudelitatis: nunc inhumana securitas et ne minimo quidem temporis voluptates intermissae: velut festis diebus id quoque gaudium accederet, exultabant, fruebantur, nulla partium cura, malis publicis laeti”.

⁴² “Sed gloria operis libertati reservata: pulsus regibus Horatius Pulvillus iterum consul dedicavit ea magnificencia quam immensae postea populi Romani opes ornarent potius quam auferent”.

⁴³ “In this all the various threads explored above [3.72] come together. While the destruction of the temple is normally seen as just another sordid act of civil war, in religious terms it is one of the key moments of the

É importante destacar que no parágrafo anterior a descrição da tentativa de tomada do Capitólio é construída em um tom de grande intensidade dramática, sendo que especial atenção é dedicada para mostrar a utilização desonrosa e destruição dos símbolos máximos da grandeza ancestral de Roma: os portões do Capitólio, as estátuas, a “casa” de Rômulo, a rocha Tarpéia e as antigas águias de madeira que sustentavam o teto do templo. O maior absurdo da situação é exatamente o paradigma total da decadência vista por Tácito, e assim ele o apresenta para justificar a importante afirmação que dá início ao obituário: “este foi o crime mais triste e mais vergonhoso que o Estado romano jamais sofreu”⁴⁴.

O colapso não se deveu a qualquer força externa⁴⁵, como antes havia ocorrido através de Porsena ou dos gauleses no começo da República, ou mesmo por algum ataque feito por *fraude privata*, como o ocorrido em 83 a.C. Nem mesmo os deuses interferem no desastre⁴⁶, pois sua causa é o ápice da degeneração do caráter dos indivíduos, ilustrado por uma sucessão fatal de imperadores totalmente incapazes e dissolutos - “*furore principum excindi*”, ou seja, o maior desastre da história romana se deveu única e exclusivamente às suas lideranças. O relato da construção e desenvolvimento do esplendor do Capitólio é outro elemento acentuador da magnitude dos dramáticos acontecimentos. Toda a situação, incluindo seu contraste com a glória antiga, é exageradamente sublinhada; este é enfim o ponto mais baixo a que se pode chegar, o colapso derradeiro.

A descrição é desoladora, e para isso Tácito acentua especialmente no parágrafo 83 as contradições e distorções da realidade, virada agora de cabeça para baixo. Não bastasse o ponto mais alto de violência e destruição, tal cúmulo da destruição do Capitólio se mistura com o outro cúmulo - da devassidão, licenciosidade e falta de controle dos desejos, como ele descreve posteriormente. A comparação com as guerras civis do passado revela a constância do caráter negativo humano, mas os tempos antigos contrastam com uma situação muito pior, quase inconcebível para Tácito, tamanho o paradoxo. O povo de Roma não se importa com suas instituições mais sagradas, o Capitólio, não se importa com o destino de sua cidade, não se envolve com nenhum dos dois lados da disputa e ainda por

entire account and the logical conclusion of the decline of the previous decades”. DAVIES, J. P. *Rome's Religious History - Livy, Tacitus and Ammianus On Their Gods*, Cambridge, Cambridge University Press, 2005. P.207.

⁴⁴ Cf. nota 40 supra.

⁴⁵ O paralelo com o obituário de Cremona (3.34) também é evidente e intencional: “[...] *in the same way that Cremona is untouched by foreign invasion and falls victim only to civil war*”. Cf. Michael M. Sage. “The treatment in Tacitus of Roman republican history and antiquarian matters” in: *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* II.33.5. Berlin: De Gruyter, 1991. P.3398.

⁴⁶ Compare-se com a indiferença dos deuses para Tácito no prefácio das *Histórias* 1.3.

cima, absurdo dos absurdos, desfruta com extremo prazer das próprias desgraças. Este é um momento paradoxal nas *Histórias*. Estilisticamente, Tácito constrói um clímax poderoso que justificará o contraste com a restauração do império promovida pelos Flávios a partir do livro 4.

Assim como em Tito Lívio, a observância do ritual e a obediência à religião como fator de dedicação ao Estado aparecem em Tácito, só que de uma forma invertida. A ausência total de *fides* e *pietas* em Nero ou durante a guerra civil descaracteriza e enfraquece terrivelmente a grandeza romana, através da corrupção da moral individual e pelo desrespeito com o Estado e seu componente religioso - representados pelo Capitólio. Portanto, a forma como Tácito mostra isso passa, também, assim como em Tito Lívio, por colocar o Capitólio como ponto crucial representando a cidade e seu destino. Em um primeiro momento da história romana, através do que narra Tito Lívio, todo o avanço do poderio romano é garantido pelos deuses através da observância religiosa, pela qual a colina do Capitólio foi ocupada e o conjunto de seus templos construído. Mesmo ainda na República, o fracasso advém da falta de reconhecimento dessa importância. Tácito apresenta, através do *crescendo* narrativo, o cúmulo dessa inobservância pela deturpação de seu sentido e depois pela destruição do seu significado - destruição essa física, com o incêndio e os saques, e simbólica, pelo comportamento dos diversos grupos na *urbs*. Como consequência disso, talvez possamos então afirmar que essa idéia representa para Tácito a decadência última de Roma, ou ainda, da identidade que dá significado à idéia de Roma.